

RETROSPECTIVA CAMPINEIRA

O Povoador Improvisado... (10)

JORGE ANTÔNIO

Um eterno e sofrido aprendiz, mesmo quando parecendo ensinar estou, na verdade, sendo o incorrigível aluno que, sob a capa de uma aparente suficiência, mal dissimula uma desesperada ignorância. Veja por exemplo, o fato presente: estamos aqui tratando de um episódio histórico da vida campineira. E a conclusão a que chego é a mais desoladora possível: nada sabemos a respeito de um período que não está longe de nós mais que seis ou sete gerações (se contarmos as **tres décadas**, universalmente aceitas, como medida de uma geração). Aparentemente inexplicável um tal desconhecimento, simples será no entanto desvendado pelo alheamento educacional, sacrificadas as **humanidades** no currículo escolar básico, sob motivos e justificativas que ainda um dia serão revelados para estarecimento e desolação das gerações futuras. A **história**, que em outros países é matéria primordial de ensino, ao lado do idioma e disciplinas correlatas, de maneira insolita passou, repentinamente, a ser encarada, entre nós, como um defunto putrefato que urgia sepultar para sempre, ou queimá-lo até ao âmago, para que só restassem as cinzas fáceis de levar pelo vento do esquecimento. E quando o jovem dos nossos dias ouvir um tal lamento, incompreensível linguagem não apenas para seus ouvidos condicionados a outros sons, mas também seus olhos presos a imagens por demais explícitas e, por que não?, sua mente plasmada numa **tabula rasa** que é a sua própria armadilha para um precipício de cujo fundo talvez nunca mais volte — fácil lhe será o deslinde da trama, refugiando-se nos expletivos da indiferença: **é isso aí, bicho**.

E vamos culpá-lo, por isso? Ou devemos nos culpar a nós mesmos, as últimas gerações entreligadas por dois após-guerra? Nós, que os deixamos crescer — aos jovens dos nossos dias — numa sofreguidão física por demais envolvente, para o sufocamento dos sentidos exaltados, como se a vida fora apenas respostas calmantes a exaltações momentâneas, muito próprias dos desequilibrados emocionais, mas de perigosa fixação no comum das pessoas. Para aquietá-los, demos lhes chupetas, cuja substituição, até hoje, desconhecemos como fazê-lo, sem maiores sacrifícios.

Cumprir programa, dizem os que dizem que sabem explicar. O período letivo está condicionado a um esquema de estudo que deve ser satisfeito — e atendida, também, a mecânica do investimento público e privado envolvido, para a recuperação econômico - financeira da contribuição convocada pela sociedade. E como corolário da explicação, adiantam que, na vida prática, sempre haverá tempo e melhores condições para o **peneiramento das coisas mais importantes** para o "struggle for life". E o resultado é uma desolação cultural que avassala a nação, capaz de imobilizar os espíritos mais suscetíveis — mas, que não deve ser assim, pois é preciso reagir e mais do que nunca, e por isso mesmo, lutar no sentido de debelar tão insidioso mal. E que se convoquem todas as forças vivas, o que é possível e, na verdade, a muito menor custo. Só assim não teremos a repetição, crescente, de notícias como a que acabo de ler no jornal o Estado de S. Paulo (10-12-75) sobre atingir a 93% a reprovação em História entre milhares de alunos do segundo grau, nos exames supletivos. Não importa onde, neste país. — Qualquer parcela da nação brasileira é tão importante como outra que mais o seja. E nem interessa **explicação**, a dizer-se que o aprendizado **seguiu um sistema** e as provas foram preparadas por um grupo de professores de alto gabarito etc... As distorções estão patentes. O **aluno não sabe porque não aprendeu** — embora tenha arremedado um estudo, nas cruciantes condições dos nossos dias. E não aprendeu porque não basta estudar esta ou aquela matéria — sob os perigos da especialização, mal encarada, no entanto, pois esta não dispensa nem interfere na formação básica do conhecimento do estudante. — O de que o estudante precisa é a formação de uma estrutura sólida, urdida, principalmente, pelo seu primeiro instrumento de estudos: a **língua**. E aqui vale o brocardo: comer e coçar é só começar. Da língua à literatura, há poucos passos e quando se penetra neste mundo maravilhoso da imaginação criadora,

espontâneo será o amor pela leitura, e desta para o diálogo, a conversação, a comunicação, o interesse em participar que, cedo, levarão ao desejo, senão a facilidade, de redigir — para que os pensamentos se conjuguem no progresso do homem. E para saber do seu progresso, os passos que está dando, para preparar os passos que dará, o homem tem, embora nem sempre se aperceba, uma necessidade ingente de saber dos passos que deu — e aí está justamente a História, sua História, no curso dos tempos passados, cujo conhecimento não é regresso e sim retrospecto.

Retrospectiva, como a que estou tentando fazer, lançando um olhar prescrutador, embora de apenas cronista, ao passado campineiro, para reconstituir-lhe algumas imagens ou, ao menos, com a nitidez que falta, certos detalhes de sua figura, nos primeiros estágios de sua formação. Se estou mais certo que os outros — se as coisas se passaram como eu as interpreto — é menos importante que o fato em si mesmo, cujo conhecimento toma feições mais definidas, não porque a verdade esteja com este ou aquele, e sim porque há um interesse generalizado em identificá-lo, do que resulta uma soma de esforços, amenizando as tarefas, abreviando o tempo das soluções. E a história, toda a nossa história se recompõe nos delineamentos indispensáveis para que fique gravada, com suficiência e proveito, a **memória nacional**.

Essas considerações se me apresentaram necessárias, nesta retomada do tema que liga o Morgado à história de Campinas, cujo papel exorbitou da realidade, por obra e graça de conclusões apressadas, repetindo vezes de longa data arraigadas na desordenada historiografia da cidade atual, como consequência de uma desconchavada heurística autossuficiente.

O leitor que me acompanhou nas últimas crônicas está senhor do assunto presentemente em pauta, pois a atuação do Morgado se liga a matéria das **sesmarias**, porquanto era justamente desse ponto que devia ter ele iniciado sua interferência com propósitos povoadores, e o não tê-lo feito demonstra, acima de tudo, seu desinteresse pelas áreas mais antigas da Capitania, ignorando-as, devido a uma **reviravolta aparentemente inesperada**, logo nos primeiros meses do seu governo, alterando frontal e fundamentalmente o projeto inicial da restauração. Isto é o que ainda não se contou, com o necessário senso crítico, para uma reavaliação da contribuição, tanto do Morgado como de Pombal, no concernente a São Paulo, como capitania sacrificada a interesses subalternos, que novamente prevaleceram. Identificar os pontos que denunciavam esse comportamento intempestivo da coroa, que parece mesmo muito antes adrede preparado — e por via de consequência, do Morgado, não é difícil: uma leitura atenta a algumas de suas cartas permite-nos localizar a **leveza** com que foi encarado o destino da capitania, relegado a plano secundário, persistindo tão só uma pregação teórica do capitão general, que parecia ter tudo para levar a bom termo a restauração, mas não soube (e nem poderia) bisar a "independência" do Bobadela. Os tempos eram outros — e outro era o homem, perfeitamente identificado com a obediência hierárquica e plenamente convencido de que acima de todas as coisas estavam a coroa e Pombal. E S. Paulo perdeu a vez de antecipar seu ingresso no palco da aceleração da nossa autonomia política. Como a matéria, além de polêmica, é ampla e complexa, será de todo conveniente que eu reproduza aqui, senão todas as cartas nem sua íntegra, ao menos os trechos que permitem identificar-se a alteração das diretrizes iniciais da coroa, relegando a segundo plano a restauração. São cartas do Morgado e se estas não localizam as provenientes do reino, são suficientes como documentos resultantes de ordens superiores, como se evidência. Estamos ainda no ano da graça de 1765 — o primeiro do governo longo de 10 anos do Morgado — estava ele, assim, nos seus começos. Embora inúmeras das suas cartas estejam truncadas, — pagamos caro a desídia, o desinteresse e a mesquinhez que sempre sujeitaram os recursos financeiros para a conservação de arquivos e documentos e tantas outras atividades relacionadas com a cultura intelectual, pela má conservação, como coisa imprestável — pode-se perfeitamente destacar o essencial para a afirmação da nossa tese.

Escrevendo ao Conde de Oeyras — que mais tarde teria o título de Marquês de Pombal, o Morgado repetia o que este já sabia, isto é, que tendo ele servido nomeá-lo para o governo da capitania de S. Paulo etc. passava-se a dar-lhe conta dos primeiros passos. E ao fazê-lo, cuidou também de reproduzir as razões por que a coroa o enviara ao posto. Um ponto deveras interessante, como entre-meio para esta análise, é o fato de, ao mesmo tempo da vinda do Morgado para capitanear S. Paulo, ter sido despachado para governar a Colônia do Sacramento, um Pedro Sarmento, que uma carta do Morgado nos diz quem foi: "Meu Amigo — Mal cuidava eu quando V.S. partiu para estas Américas que havia de seguir-lhe os passos com o mesmo destino, mas a fortuna que nos uniu com tão cordial afeto em Vila Real, para resistirmos às invasões do inimigo (sempre os castelhanos, a encarnação do demônio na fértil imaginação do Morgado) naquela Província, também quis que neste continente fôssemos camaradas para tudo o que possa suceder. Deus permita que neste novo mundo sejamos tão bem sucedidos como na Europa, se nos for necessário, porque lá e cá o general é Sevalhos, com a diferença que o de lá era marques.

Vila de Santos, 28 de julho de 1765". Por aí se vê que havia algo de **segredo nos projetos pombalinos**, em relação aos castelhanos e, inevitavelmente, aos **jesuitas das missões**. Bem, vamos por partes. Como eu dizia, o Morgado dava contas a Pombal, numa carta (cheia de falhas feitas pelas traças), na qual se lê que o rei ao mandá-lo por governador queria consolidar seus domínios, "não só quanto à economia interior do mesmo Estado, mas também no que toca à sua conservação, e defesa." Carta que fala também de estratégias bélicas como quem prepara uma grande batalha. E datada de 22 de julho do seu primeiro ano — e suas escaramuças atravessam dois lustros, sem sair do terreno dos espantalhos. E uma guerra de papel — mas travada nas cortes europeias — e com isso a **restauração da capitania ia ficando para as calendas**. E com a agravante de esgotar-se o minguado da pobreza franciscana de São Paulo, em operações que mais competiam ao Rio e outras capitanias, todas elas deverosas, desde os tempos do Bobadela, de respeitáveis somas.

Sobre esse particular, o capítulo que tratara do Bobadela será melhor ocasião. Na verdade, o belicoso de fato era Pombal, e parece que o Morgado relutava em seguir-lhe as urdiduras: "tornando seriamente a refletir sobre os parágrafos 3, 4, 5, e 6 da carta que V. Excia. me dirigiu na data de 26 de janeiro deste presente ano (1765), ponderando que os nossos inimigos animados da facilidade com que sem a menor resistência se fizeram senhores das fortalezas", etc... Dizia Pombal que os castelhanos seriam capazes de tomar, S. Paulo, o Rio e acabariam, por fim, ficando com todo o Brasil. Pelo que, é ainda Pombal a sugerir: "Que vendo-se esse caso iminente, procure por uma parte entreter o inimigo", enquanto pede socorro ao governador de Minas etc., e, "oprimir o inimigo e recuperar o perdido e ir até à destruição final"... "e deixar desembaraçado todo o País, sem admitir réplica, nem dar quartel, enquanto houver inimigo com as armas na mão."

Não era bobo, porém, o Morgado e, para não cair no fogo sozinho, solicitou de Pombal a retirada para uma tal aventura, que o esperto ministro naturalmente não deu, raposa velha que era.

"Isto que V. Excia. me manda, porém, esta matéria envolve o ponto essencial e dificultoso de acender a guerra nestes países, donde imediatamente passará logo a todo Reino, de que eu não me atrevo a ser responsável, sem novas, e mais positivas ordens de V. Excia. sobre este ponto..." E assim vai o Morgado, planejando para o futuro, para o que pretendia transformar sua capitania num celeiro de soldado... num "indispensável circuito de tempo". Apesar disso, e seguindo ordens, tinha de dissimular, procurando dar a entender que seus propósitos em geral eram pacíficos, dentro e fora, e passou então a brigar por causa de divisas. Mas, logo desistiu, porque as coisas pareciam precipitar — e o povoador então volta a ser o "guerreiro" cheio de ira e de sonhos. O que veremos na próxima, que esta já está muito espichada...